A CONCORDÂNCIA VERBAL COM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO FALAR MACAPAENSE

Fernando Pinheiro Rodrigues (UEAP)[1]
Romário Duarte Sanches (UNIFAP)[2]

Resumo: Este trabalho tem por objetivo verificar como ocorre o uso da concordância verbal (CV) com a 1ª pessoa do plural (1PP) na fala de pessoas residentes na cidade de Macapá-AP. A pesquisa utiliza com suporte teórico-metodológico o arcabouço da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008) e estudos que tratam da concordância verbal no português brasileiro (Zilles; Maya; Silva, 2000; Araújo; Carmo, 2019; Silva; Vitório, 2020; Martins; Sá, 2021; Sanches; Ribeiro, 2023). Para este trabalho, consideramos 24 narrativas de falantes nativos ou que vieram para Macapá ainda na infância. Controlamos dois grupos de variáveis, os fatores sociais (escolaridade, sexo e idade) e os fatores linguístico (posição do sujeito e saliência fônica). Os resultados mostram que a aplicação da regra padrão de concordância verbal é seguida por falantes macapaenses escolarizados com Ensino Médio (70,6%); por falantes da faixa etária B (40 anos ou mais) (68,1%) e por pessoas do sexo feminino (71,8%). Em relação aos fatores linguísticos, os resultados apontam que houve um percentual mais elevado de CV em verbos mais salientes (91,5%). E que há mais marcações de CV quando o sujeito está anteposto ao verbo com um elemento (65,4%).

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Concordância verbal.

Abstract: This work aims to verify how the use of verbal agreement (CV) with the 1st person plural (1PP) occurs in the speech of people living in the city of Macapá-AP. The research uses with theoretical-methodological support the framework of the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008) and studies that deal with verbal agreement in Brazilian Portuguese (Zilles; Maya; Silva, 2000; Araújo; Carmo, 2019; Silva; Vitório, 2020; Martins; Sá, 2021; Sanches; Ribeiro, 2023). For this work, we considered 24 narratives from native speakers or those who came to Macapá as children. We controlled two groups of variables, social factors (education, sex and age) and linguistic factors (subject position and phonic salience). The results show that the application of the standard verbal agreement rule is followed by Macapa speakers with high school education (70.6%); by speakers of age group B (40 years or more) (68.1%) and by females (71.8%). Regarding linguistic factors, the results indicate that there was a higher percentage of CV in more prominent verbs (91.5%). And there are more CV markings when the subject is preceded by an element (65.4%).

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Verbal agreement.

1 Introdução

Sobre a temática do presente artigo, observamos que a abordagem da gramática tradicional impõe diversas regras para o uso da concordância verbal, bastante valorizadas em

[1]Graduando do curso de Licenciatura em Letras – Português pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP, Macapá, Amapá. E-mail: fernandorodrigues.ueap@gmail.com.
[2]Professor Doutor em Letras – Linguística, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Macapá, Amapá. E-mail: romario.sanches@ueap.edu.br.

ambientes formais de ensino. Verificamos também que uso dessas regras está ligado ao prestígio social da língua escrita. De acordo com Bechara (2019), a concordância verbal consiste na harmonia entre o verbo e o sujeito, dentro de construções com apenas um núcleo. Assim, tal harmonia é estabelecida quando o verbo se conforma ao número e à pessoa do sujeito. O autor prescreve outras normas de concordância, por exemplo, quando há substantivos sinônimos, com palavras que expressam noção de grupo; sujeito ligado por série aditivas enfática; sujeito ligado por *com* e dentre outras.

Tratando-se, especificamente, da concordância verbal com a 1ª pessoa, Bechara (2019) prescreve que para as construções em que o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes, ocorrendo com o sujeito *eu* ou *nós*, o verbo deverá ser conjugado na primeira pessoa do plural. O pronome pessoal do caso reto *nós*, conforme a gramática tradicional, refere-se a forma conservadora de representação da primeira pessoa do discurso no plural, ou seja, ao ser utilizado deve possuir, em geral, função de sujeito e poderá comunicar ao interlocutor a presença do *eu*, do *não eu*, mais outras pessoas e seres. Embora, seja imposto que a flexão verbal desse pronome ocorra junto a primeira pessoa do plural, com a terminação verbal (-mos), as regras impostas pela gramática tradicional apesar de terem seu prestígio na língua escrita, não refletem o uso realizado na linguagem coloquial expressa pelos falantes das mais diversas camadas sociais.

Conforme Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009, p. 337), no que alude a essa concordância no português falado no Brasil, há uma desigualdade sociolinguística. Para eles, falantes urbanos com maiores graus de escolaridade, que possuem certo conhecimento do que decreta a norma culta, a realizam em seus falares, porém tal aplicação não é tão vista nas falas daqueles que pertencem às camadas populares, moradores de municípios interioranos ou moradores da zona urbana e com baixo grau de escolaridade. Assim, essa afirmação preconiza a existência da variação morfossintática da flexão verbal junto ao pronome *nós* que tende a estar relacionada aos fatores extralinguísticos.

Segundo Vieira (2019), as pesquisas de cunho variacionista estão demonstrando que a concordância verbal é uma realização variável, na qual os falantes determinam o seu uso ou não por condicionadores linguísticos e sociais. Essa variação ocorre de maneira diversa de acordo com a comunidade de estudo, apesar de apresentarem alguns resultados similares. É o que tem indicado os estudos de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) e Araújo e Carmo (2019).

Com base nisso, o presente trabalho tem por objetivo analisar como ocorre o uso da concordância verbal com a 1ª pessoa do plural (1PP) na fala de pessoas nascidas e residentes na

cidade de Macapá-AP. A motivação para a realização deste estudo surge, primeiramente, por não haver pesquisas publicadas sobre a concordância verbal no português falado em Macapá e pelo fato do uso desta variável estar presente na fala macapaenses. No entanto, não se sabe quais os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam tal uso. Pode-se dizer ainda que este fenômeno é muito estudado, justamente pelo seu viés variacionista. Assim, procuramos verificar a marcação ou não marcação da concordância verbal com o pronome *nós* através de dados orais de falantes macapaenses, seguindo os pressupostos da sociolinguística quantitativa (Labov, 2008; Gregory, Zilles, 2007). Nas próximas seções apresentaremos a base teórica e metodológica adotada, bem como os resultados encontrados nesta pesquisa.

2 Sociolinguística

A Teoria da Variação e Mudança - TVM é uma das formas de compreender os usos linguísticos. Uma teoria jovem que surgiu em meados do século XX, após a Linguística ter se tornado uma ciência autônoma com os postulados de Ferdinand Saussure, com a publicação da obra *Curso de Linguística Geral*. Desse modo, a Linguística moderna emancipa-se, com uma metodologia própria, ao colocar as estruturas linguísticas como objeto de conhecimento dos estudos linguísticos. Assim, a partir do legado deixado por Saussure, outras vertentes teóricas surgem para ampliar, refutar, esclarecer e refletir sobre o estudo da língua. Nesse contexto, a Sociolinguística surge como uma das subáreas da Linguística que ganha força no século XX, mais especificamente após a publicação do livro *Padrões Sociolinguísticos* de William Labov, publicado em 1972, ressignificando a gênese do campo de investigação que incorpora o meio social aos estudos das línguas naturais.

Em resumo, a obra de Labov (2008[1972]) busca ampliar os estudos linguísticos ao relacioná-los com a sociedade e suas mudanças sociais, assim, expõe em diversos momentos as contradições existentes nos princípios gerativistas de Chomsky (1965) e estruturalistas de Saussure (1916). Labov (2008) apresenta em seus estudos os procedimentos de coleta, metodologia e análise de dados. Em sua pesquisa realizada em Massachussets, numa ilha um pouco isolada geograficamente e composta de um povo originado por etnias distintas (ingleses, portugueses, indígenas, alemães, irlandeses, poloneses, franco-canadenses), localizada na costeira do Estados Unidos, teve como foco o aspecto da variação fonológica, buscando demonstrar a importância dos fatores sociais no processo de mudança linguística, assim, considerou fatores como: etnia, classe social, profissão, sexo, dentre outros. Os resultados encontrados por Labov (2008) comprovaram não apenas sua teoria, mas fez com que

prosperasse esse novo campo linguístico a partir da década de 1960, isto é, a investigação quantitativa da teoria Sociolinguística.

Gregory e Zilles (2007) explanam que o processo de investigação das formas linguísticas junto às sociais e suas correlações são o objeto de estudo dos pesquisadores que tem como foco a variação dialetal. Porém, para que haja esse estudo é necessário que o pesquisador consiga coletar dados orais em demasiada qualidade e quantidade. Pois, o pesquisador provavelmente irá encarar algumas adversidades quanto ao manuseio, análise, controle e confiabilidade dos dados, por isso recorre-se ao processo de quantificação das amostras colhidas. Nesse sentido, ao longo dos anos essa abordagem tem utilizado cada dia mais recursos quantitativos para a interpretação dos processos linguísticos, algumas dessas ferramentas são: o uso de tabelas, gráficos, parâmetros estatísticos, exames de significância, credibilidade e outros recursos quantitativos.

Conforme Gregory, Zilles (2007), o método sociolinguístico possui três etapas: (i) coleta de dados; (ii) apresentação dos dados e interpretação e (iii) explicação dos dados. Nesse procedimento a coletada de dados refere-se a etapa inicial, motivada pela obtenção de amostras linguísticas, nessa fase as principais dificuldades enfrentadas são em coletar todas as amostras relevantes possíveis e selecionar o perfil do informante, assim, nesse momento o pesquisador deve selecionar um método para a escolha de informantes que beneficie a representatividade da comunidade estudada como a amostra aleatória. A segunda etapa reflete o momento de segregar particularidades sem relevância ao estudo, contudo sem influenciar os dados conseguidos para a pesquisa e o processo de análise significativa, apesar de não existir um aparato exclusivo para esta finalidade, há uma diversidade de estratégias acessíveis aos quais o pesquisador poderá utilizar em seu trabalho, como: mapas, tabelas, gráficos etc. Por fim, o processo de explicação e compreensão dos dados reporta-se ao fato de a Teoria da Variação e Mudança ser uma análise não apenas quantitativa, mas sobretudo qualitativa, nesse momento o pesquisador irá explanar os seus dados, suas hipóteses e contraposições; ainda nessa fase há procedimentos expansivamente utilizados como a análise de regra variável e os testes de significância.

2.1 A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural no português brasileiro

Apresentaremos a seguir alguns estudos que investigam o uso da concordância verbal, a saber: Zilles, Maya e Silva (2000); Araújo e Carmo (2019); Silva e Vitório (2020); Martins e Sá (2021); Sanches e Ribeiro (2023).

Zilles, Maya e Silva (2000) pesquisaram a concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegra, RS. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 32 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados *Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil - VARSUL*. Os pesquisadores controlaram as seguintes variáveis linguísticas: conjugação do verbo (primeira, segunda ou terceira conjugação); tempo e modo verbal (considerando formas do indicativo, subjuntivo, imperativo, infinitivo e perífrase - ir + infinitivo); realização do sujeito (pronome *nós* explícito, nulo ou sintagma nominal); estrutura verbal (simples ou composto); tipo de discurso (reportado ou não-reportado); contexto seguinte (vogais, consoantes e pausa); posição do sujeito em relação ao verbo (posposição, anteposição direta, distância entre sujeito e verbo de uma a três sílabas e distância entre sujeito e verbo de mais de três sílabas); alternância de vogal temática (apenas para formas do presente e pretérito perfeito do indicativo de primeira conjugação) *-e* > *cantemos* e *a* > *cantamos*; posição do acento na forma verbal alvo (proparoxítonas ou paroxítonas). No que concerne às variáveis extralinguísticas, os pesquisadores controlaram os seguintes: escolaridade (primário ou segundo grau); sexo (feminino ou masculino); idade (mais de 50 anos ou menos de 50 anos) e comunidade (Panambi ou Porto Alegre). Os resultados da pesquisa mostram que a ocorrência da desinência zero foi de 13%. Com relação à desinência padrão -mos, o percentual foi de 53% e, por fim, o percentual de ocorrência da desinência não-padrão -mo, foi de 34%. Assim, conclui-se que a variante padrão de terceira pessoa do plural ainda é predominante, conforme mostraram os dados analisados.

O estudo de Araújo e Carmo (2019) analisa a concordância verbal com 1ª PP a partir de dados coletados em entrevistas sociolinguísticas do acervo do *Projeto A língua portuguesa do seminário baiano*, que surgiu no ano de 1996, no entanto, foi oficializado somente no ano de 1998, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no estado da Bahia. Essas entrevistas foram feitas em três municípios do Estado da Bahia, sendo escolhido a área urbana de Feira de Santana e a região rural de Rio de Contas e Jeremoabo. A pesquisa verifica a distribuição da variável em questão, levando em consideração fatores extralinguísticos e linguísticos. Assim, o trabalho mostrou que, a respeito da concordância verbal de primeira pessoa do plural, a variável mostrou-se ser binária, apresentando ausência de concordância verbal na fala popular e a não presença da variável na fala culta. Os resultados da pesquisa mostraram que de 647 de aplicação da regra de concordância verbal de primeira pessoa do singular, a norma culta apresentou 99,1% de ocorrência, a norma popular urbana apresentou 55% e a norma popular rural apresentou 41,6%. Assim, 112 dados foram levantados para norma

culta feirense (Feira de Santana), sendo considerados somente dados com sujeito pronominal *nós*. Para a norma popular urbana foram considerados apenas 40 dados, já que o uso da variante *a gente* é mais ocorrente nesta norma, e por fim, para a norma popular rural, foram considerados 495 dados, excluindo aqueles dados que continham a variante *a gente*. Portanto, a partir desses dados, verificou-se que há padrões de variação no que diz respeito à concordância verbal com a primeira pessoa do plural, indicando altos índices de ausência de concordância verbal na fala popular e predominância de concordância verbal na fala culta.

A pesquisa de Silva e Vitório (2020) analisa a concordância verbal com o pronome *nós* no sertão Alagoano, além de verificar se há variação na concordância verbal com o pronome *nós*, observando se os fatores linguísticos (explicitude do sujeito, saliência fônica e marca morfêmica) e fatores extralinguísticos (escolaridade, sexo/gênero e faixa etária) influenciam em tal variação. Para isso, os autores utilizaram o banco de dados do *Projeto A Língua usada no Sertão Alagoano - LUSA*, com 96 entrevistas de informantes coletadas no Sertão Alagoano. Em se tratando dos resultados obtidos com a pesquisa, sobre as variantes *nós+1pp* e *nós+3ps*, verificou-se que houve 147 realizações dos pronomes *nós+1PP* (75%) e 49 realizações de *nós+3PS* (25%) que reunidas, totalizam 196 realizações de concordância verbal. A partir dos resultados alcançados, foi possível observar que a incidência da regra padrão de concordância verbal com 1ª PP é frequente, sendo identificado com predominância do morfema -mos.

Martins e Sá (2021) realizaram uma análise quantitativa da variação na concordância verbal com a 1ª PP dos residentes da Praça 14 de Janeiro, da cidade de Manaus (AM). Foram utilizadas entrevistas de seis informantes, seguindo os seguintes critérios: escolaridade até o ensino fundamental II, terem nascidos e resididos na Praça 14 de Janeiro e não terem se afastado por mais de 10 anos. As autoras controlaram grupos de fatores extralinguísticos (idade e sexo) e linguísticos (saliência fônica, distância do sujeito em relação ao verbo e tempo verbal). Os resultados da pesquisa mostraram que a variante mais ocorrente na fala dos residentes foi a variante *a gente*, como no seguinte exemplo "*aí gente procurou fazer exame particular pra adiantar*", e assim, ocupando 62,7% de 104 dados coletados. A variante *nós* com marcação de -mos (Ex.: *nós conhecemos como oratório*) foi a segunda mais ocorrente, sendo 33,7% dos 56 dados coletados e a variante *nós* sem marcação de -mos (Ex.: *nós participamoØ porque nós temos uma…*) foi a que teve baixo índice de ocorrência, ficando apenas com 3,6% de 6 dados coletados.

Por fim, no Amapá, tem-se o estudo de Sanches e Ribeiro (2023) que analisa a não concordância verbal de 3ª PP no português falado por indígenas do povo Karipuna do Amapá. A

pesquisa controlou fatores linguísticos (saliência fônica, paralelismo oracional, posição do sujeito e tempo verbal) e extralinguísticos (sexo, faixa etária e o português como L1 ou L2). Os resultados obtidos mostram que, em se tratando da variável sexo, o sexo masculino se sobressaiu ao apresentar mais a não concordância verbal, ficando 54% de realizações e o sexo feminino com 46% para a não concordância verbal. Em se tratando do fator faixa etária, os resultados mostram que a geração 1 (18-30 anos) apresentou mais a não concordância verbal, com 54% de ocorrências e a geração 2 (acima de 50 anos) apresentou o percentual de 63% de não concordância verbal. A variável Português com L1 ou L2 teve como resultado 48% de ocorrência de não concordância verbal na fala de indígenas que tem o português com L1 e 52% na fala de indígenas que tem o português com L2. No fator saliência fônica, o estudo mostra que os verbos mais salientes tendem apresentar mais a não concordância verbal, ficando com 87% de ocorrência enquanto os verbos menos salientes desfavorecem a não marcação de CV, ficando com apenas 13%. Para o fator tempo verbal, a não concordância verbal ocorreu mais no pretérito do indicativo com 90% enquanto presente do indicativo apresentou 8% e o futuro do indicativo apresentou somente 2% de ocorrências de não CV. Em se tratando do paralelismo oracional, os resultados foram os seguintes: sujeito com marcas explícitas de plural obteve 48% de realizações e sujeito com ausência de marcas explícitas de plural com o percentual de 52% de ocorrências. Por fim, o fator posição do sujeito demonstrou que as ocorrências de não CV acontecem mais quando o sujeito está anteposto ao verbo sem elemento, ficando com 48% e em seguida em sentenças em que o sujeito está implicitamente marcado pela desinência verbal, com 39%. A próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa.

3 Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa adotou como suporte teórico-metodológico a Sociolinguística variacionista (Labov, 2008 [1972]), que compreende a língua como um sistema heterogêneo e dinâmico, e que está em constante mudança e variação, podendo ser influenciada por diversos fatores sociais e linguísticos.

O *corpus* de análise deste estudo corresponde ao banco de dados orais do projeto de pesquisa *"Variedades Linguísticas faladas no Amapá"*, ligado ao grupo de pesquisa Linguagem, Língua e Sociedade – LINLIS, do curso de Licenciatura em Letras, da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Tais dados constam no livro *Falares da Amazônia Amapaense* (Sanches et al., 2023).

Com isso, para o tratamento do fenômeno em foco, consideramos 24 narrativas orais de pessoas residentes na cidade de Macapá, nascida ou que vieram para a capital ainda na

infância. Todas essas narrativas foram transcritas grafematicamente, quantificadas para posteriormente serem separadas por tabelas as presenças e ausências concordância verbal. Dessa forma, foram controlados os seguintes fatores extralinguísticos (escolaridade, sexo e idade) e linguísticos (posição do sujeito em relação ao verbo e saliência fônica).

3.1 Comunidade de fala

O município de Macapá está localizado no Estado do Amapá, na região Norte do Brasil. A cidade é a única capital do país que é atravessada pela linha do Equador e está situada próximo ao rio Amazonas. De clima equatorial super úmido, sua área é constituída de 6.563,849 km²; possui uma população estimada de 522.357 mil habitantes, segundo dados do IBGE (2021). A cidade é o centro econômico e político do Estado do Amapá, concentrando sua economia em dois setores importantes: o primário e o terciário. O setor primário é composto pela agropecuária, caracterizado por pequenas plantações agrícolas de subsistência e criações de bovinos, suínos e de galináceos, enquanto o setor terciário é composto pelos serviços, administração pública, logística, comércio e turismo.

De acordo com Luna (2011), a história de Macapá remonta ao século XVIII, quando um destacamento militar foi solicitado para reforçar a proteção das terras conquistada pelos portugueses. Tal movimento se deu após as invasões holandesas no Nordeste do País. Desse modo, em 1740 o rei de Portugal D. João enviou um projeto para a construção de um pequeno forte estruturado pelo sargento-mor Manuel de Azevedo Fortes e pelo engenheiro-mor Miguel Luís Alves, e que mais tarde, se tornaria Macapá.

Salgado (1985) aponta que no mesmo período em que D. José I assumiu o trono de Portugal, o Marquês de Pombal também assume o ministério real e decide nomear seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado para o comando das armas da província do Pará, desse modo, Mendonça Furtado consegue permissão para fundação e colonização de vilas na Amazônia Setentrional. É nesse período que Macapá recebe os colonos Açorianos.

Conforme Nunes Filho (2009), no dia 4 de fevereiro de 1758, Mendonça Furtado instala a vila de São José de Macapá, e assim passa de povoado à vila. Com a emancipação de Macapá, o desejo dos holandeses, dos franceses e dos ingleses de possuir essas terras aumenta e, portanto, ameaçam invadi-la. Por isso, em 1764 são iniciados os trabalhos para a construção da Fortaleza de São José de Macapá, com o objetivo de defender não só a vila, mas também a Amazônia. Em 1769, Mendonça Furtado veio a falecer e seu sonho de ver a construção da Fortaleza concluída, que ocorreu somente no ano de 1782, acaba não sendo realizado.

Em 1859 a vila de São José de Macapá foi oficializada como cidade e em 1944 se torna capital do estado do Amapá pelo Governador Janary Nunes. Posteriormente, o governador ergue a sede do governo, que serviu como ponto central para a tomada de decisões, o que incluía a criação de escolas e municípios. Atualmente, o edifício que funcionava como sede do governo abriga o Museu Joaquim Caetano da Silva.

No XX ocorre um crescimento considerável na população, devido à exploração de minério, como o manganês. Nesse período, a Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI) se estabelece na cidade de Serra do Navio, o que acabou contribuindo para o crescimento demográfico, econômico e desenvolvimento da nova capital do Amapá.

Sobre a identidade macapaense, em geral ela é formada por diversas culturas presentes na região Norte do Brasil, por influência dos povos portugueses, afrodescendentes e indígenas, além das práticas culturais de migrantes nordestinos. Assim, em Macapá há festejos como o Círio de Nazaré, uma manifestação cultural católica de origem portuguesa, e o Marabaixo, uma manifestação de origem africana, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (BRASIL, 2018, p. 6). O Marabaixo constitui uma expressão desenvolvida pelas comunidades negras do estado Amapá, destacando-se através das danças e das canções conhecidas como ladrões; sua musicalidade acontece de forma oral e é acompanhada pelo toque da caixa, um instrumento de percussão.

3.2 Perfil dos informantes

Como dito anteriormente, consideramos 24 narrativas de falantes de Macapá, nativos ou que tenham estabelecido moradia na cidade ainda na fase criança (até os 5 anos). Assim, a seleção dos informantes acorreu da seguinte forma: 12 informantes do sexo feminino, sendo 6 da geração A (18-30 anos), 6 da geração B (40 anos ou mais); 6 que possuem o Ensino Fundamental (escolaridade I) e 6 que possuem o Ensino Médio (escolaridade II). Ainda 12 informantes do sexo masculino, sendo 6 da geração A (18-30 anos) e 6 da geração B (40 anos ou mais); 6 que possuem o Ensino Fundamental (escolaridade I) e 6 que possuem o Ensino Médio (escolaridade II). Segue o Quadro 1 com o perfil dos informantes descrito.

Quadro 1: Perfil dos informantes

Iniciais do nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Cidade de origem	Cidade onde vive
P. A. L. C	21	F	Ensino Médio	Macapá-AP	Macapá-AP
L. M. L. V	20	F	Ensino Médio	Macapá-AP	Macapá-AP
L.G.BA	22	F	Ensino Médio	Macapá-AP	Macapá-AP

V. C. N	70	F	Ensino Fundamental	Almerim-PA	Macapá-AP
N. B. S	50	F	Ensino Fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
Z.S.P	88	F	Ensino Fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
A. D. S. P	26	M	Ensino Médio	Macapá-AP	Macapá-AP
F.P.D.S	28	M	Ensino Médio	Macapá-AP	Macapá-AP
R. P. P. D. F	19	M	Ensino Médio	Macapá-AP	Macapá-AP
B.M	57	M	Ensino Fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
R.A.A	57	M	Ensino Fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
R.M	62	M	Ensino Fundamental	Macapá-AP	Macapá-AP
M.J.N	57	F	Ensino Fundamental	Curiaú-AP	Curiaú-AP
E.C.S.R	30	F	Ensino Médio	Curiaú-AP	Curiaú-AP
L.T.S.R	18	F	Ensino Fundamental	Curiaú-AP	Curiaú-AP
L.S.S	29	F	Ensino Fundamental	Curiaú-AP	Curiaú-AP
I..M.S	57	F	Ensino Médio	Curiaú-AP	Curiaú-AP
L.M.S	55	F	Ensino Médio	Curiaú-AP	Curiaú-AP
C.I	19	M	Ensino Médio	Curiaú-AP	Curiaú-AP
C.R.S	20	M	Ensino Fundamental	Curiaú--AP	Curiaú-AP
E.M.F.R	20	M	Ensino Médio	Curiaú-AP	Curiaú-AP
J.O.R	58	M	Ensino Médio	Curiaú-AP	Curiaú-AP
M.S	60	M	Ensino Fundamental	Curiaú-AP	Curiaú-AP
A.J	57	M	Ensino Fundamental	Curiaú-AP	Curiaú-AP

Fonte: Elaboração do autor.

3.3 Coleta e tratamento dos dados

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas semidirigidas com o auxílio de aparelhos celulares para a captura de áudio. Desse modo, as entrevistas foram compostas utilizando a técnica do tipo DID (diálogo entre informante e documentador).

As entrevistas ocorreram na própria residência dos informantes, levando em consideração a disponibilidade de dia e horário deles. Os informantes que participaram das entrevistas foram indicados por algum conhecido ou familiar do documentador o que ajudou no processo de coleta, pois assim eles se sentiam mais confortáveis, acarretando a pouca monitoração da fala. Como tópico das entrevistas utilizamos as histórias de vida, focalizando em assunto com os quais eles tinham maior familiaridade, assim, as entrevistas não possuíam questionários, mas perguntas livres que giravam em torno de temas como: família, infância, juventude, amigos, fase escolar, faculdade, trabalho, planos para o futuro, entre outros.

Diante disso, após a coleta das narrativas, foram realizadas as transcrições grafemáticas de cada entrevista e posteriormente foram feitas as marcações de ausência e presença de concordância verbal em relação ao pronome de primeira pessoa do plural, como mostra o Quadro 2:

Quadro 2: Amostra dos dados encontrados

Código	Concordância	Não-concordância
01FBI	Sem marcação	Ex.: [...] todos **nós estava** precisando Ex.: [...] **nós não tinha** boneca
1MAII	Ex.: **nós crescemos** assim	Sem marcação
11MBI	Ex.: **Nós temos** certeza	Ex.: **Nós tinha** que preservar e guardar na nossa memória
11FBI	Ex.: **Nós somoØ** pequena	Ex.: **Nós ia** pra roça fazer farinha

Fonte: Elaboração do autor.

Assim, iniciamos o levantamento quantitativo de ocorrências através de tabelas e em seguida foram feitas revisões dos dados. No quadro abaixo está a chave de codificação utilizada para definir os dados coletados:

Quadro 3: Chave de codificação

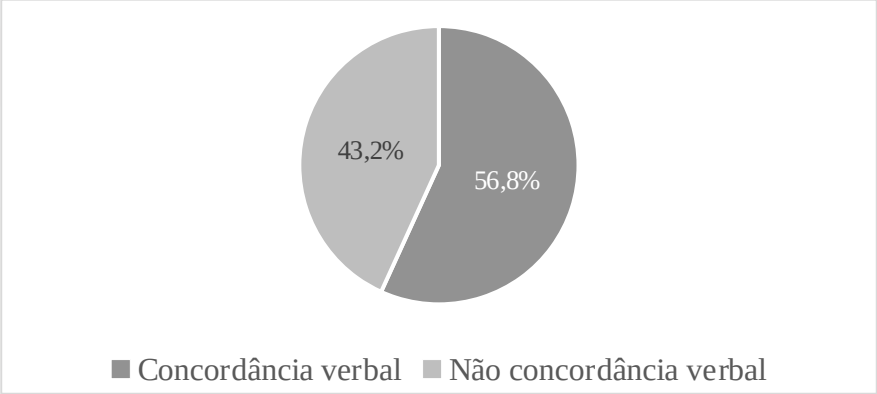
Variável dependente	Grupos analisados	Código
Concordância verbal de 1PP	Presença Ausência	C N
Variáveis extralinguísticas		
Sexo	Feminino Masculino	F M
Faixa etária	18-30 anos 40 anos ou mais	3 4
Escolaridade	Ensino fundamental Ensino médio	5 6
Variáveis linguísticas		
Saliência fônica	Verbos mais salientes Verbos menos salientes	a b
Posição do sujeito em relação ao verbo	0 elementos 1 elemento	c d

Após a codificação, todos esses dados foram analisados por meio do programa estatístico Goldvarb X, que cruzou e mostrou os dois grupos de fatores que foram mais relevantes em nossa pesquisa. Tais grupos serão apresentados na seção abaixo.

4 Apresentação e discussão dos dados

Para análise dos dados, utilizamos o programa estatístico Goldvarb X. Os dados analisados aqui somam 111 ocorrências de marcações e não marcações de concordância verbal com a primeira pessoa do plural:

Gráfico 1: Porcentagem de marcas e não marcas de concordância verbal



Fonte: Elaborada pelo autor.

Como se pode observar no Gráfico 1, na fala de macapaenses, a aplicação da regra padrão de concordância verbal com a 1ª PP foi mais frequente, visto que de um total de 111 dados, obtivemos 63 (56,8%) ocorrências de marcas de concordância verbal e 48 (43,2%) de não concordância verbal. Tais resultados coadunam com outras pesquisas que obtiveram altos índices de marcas de CV, como o trabalho de Zilles, Maya e Silva (2000) e Silva e Vitório (2020).

Considerando esses percentuais de marcação e não marcação de concordância verbal com a 1ª PP, apresentaremos a seguir os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar tal fenômeno. Vale ressaltar que dos seis grupos de fatores controlados para analisar as ocorrências de concordância verbal, dois grupos foram considerados relevantes pelo programa computacional Goldvarb X, sendo eles: escolaridade e saliência fônica.

4.1 Fator extralinguístico: escolaridade

O fator escolaridade foi o primeiro grupo estatisticamente significativo selecionado pelo programa Goldvarb X. Assim, ao selecionarmos a variante escolaridade para análise, optamos apenas por dois níveis: Ensino Fundamental (escolaridade I) e Ensino Médio (escolaridade II). Vale ressaltar que o Ensino Superior não foi escolhido por haver informantes insuficientes com esse nível de escolaridade. A Tabela 1 demonstra os resultados obtidos.

Tabela 1: Marcas de concordância conforme a escolaridade

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Ensino Fundamental	27/60	45%	0.32
Ensino Médio	36/51	70,6%	0.67

Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir dos resultados obtidos, é possível observar que a aplicação da regra padrão de concordância verbal é mais utilizada por informantes que possuem maior nível de escolaridade (Ensino Médio), pois eles apresentaram 36 de marcações de CV que corresponde a 70,6% e com peso relativo de 0.67. No que diz respeito ao nível de escolaridade Ensino Fundamental,

verificamos que os informantes apresentaram apenas 27 realizações com um percentual de 45% e com o peso relativo de 0.32. Estes resultados convergem com os resultados obtidos em outras pesquisas sociolinguísticas, destacando que indivíduos mais escolarizados tendem a marcar as regras de concordância verbal, como o estudo de Silva e Vitório (2020). Isso mostra que o nível de escolaridade pode manter as formas de prestígio e que é no espaço escolar que essas normas são ensinadas e valorizadas, logo, é provável que as pessoas que possuem maior nível de escolaridade, tendem a fazer mais o uso das regras de concordância, seja nominal ou verbal.

4.2 Fator extralinguístico: faixa etária

No que concerne ao fator faixa etária, foram controlados dois intervalos de idade, sendo o primeiro com informantes que possuem idade entre 16 a 30 anos (geração A) e informantes com 40 anos ou mais (geração B). A Tabela 2 mostra os resultados desta análise.

Tabela 2: Marcas de concordância conforme faixa etária

Fator	Frequência	%	Peso relativo
16 a 30 anos (geração A)	16/42	38,1%	0.38
40 anos ou mais (geração B)	47/69	68,1%	0.62

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os resultados referentes ao fator faixa etária mostram que os informantes mais velhos tendem a fazer mais marcações da regra padrão de concordância verbal, apresentando um percentual de 68,1% de ocorrências e com o peso relativo de 0.62. Tais resultados mostram também que os informantes mais novos desfavorecem a aplicação da regra padrão de concordância, apresentando um percentual de 38,1% e com o peso relativo de 0.38. Esses resultados se assemelham com os resultados obtidos na pesquisa de Araújo e Carmo (2019), ao verificarem a concordância verbal levando em consideração o fator faixa etária na norma popular urbana. Segundo elas, os indivíduos com idades mais elevadas estão, provavelmente, policiando-se quanto as regras de concordância verbal, já que normalmente, são os jovens que tendem a aplicar a regra padrão de concordância verbal.

4.3 Fator extralinguístico: sexo

Quanto ao fator sexo, a Tabela 4 abaixo mostra os resultados em relação aos informantes do sexo masculino e feminino.

Tabela 3: Marcas de concordância conforme o sexo

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Feminino	28/39	71,8%	0.54
Masculino	35/72	48,6%	0.45

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os resultados dessa variável mostram que as mulheres tendem a usar mais a concordância verbal, apresentando um percentual de 71,8% de realizações de concordância e com o peso relativo de 0.54. Já os homens tendem a desfavorecer a aplicação da regra padrão de concordância verbal, apresentando o percentual de 48,6% de realizações e com o peso relativo de 0.45. Esses dados coincidem com os resultados que Martins e Sá (2021) obtiveram, quando mostram que as mulheres são mais predispostas a fazer o uso da regra padrão de concordância verbal.

4.4 Fator linguístico: saliência fônica

Sobre o fator saliência fônica[3], controlamos os verbos mais salientes e verbos menos salientes. Vale ressaltar que a variante saliência fônica tem sido apontada como um grupo de fator bastante favorável, já que essa variável pode resultar em uma mudança completa no radical da palavra em relação à marca de plural. Na Tabela 4 podemos observar os resultados obtidos para a saliência fônica.

Tabela 4: Marcas de concordância conforme a saliência fônica

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Verbos mais salientes	54/59	91,5%	0.88
Verbos menos salientes	9/52	17,3%	0.11

Fonte: Elaborada pelo autor.

Partindo do pressuposto de que formas verbais mais salientes são mais prováveis de serem marcadas no plural do que as formas menos salientes, verificamos nesta pesquisa que os verbos mais salientes apresentaram um percentual bastante elevado, com 91,5% e com o peso relativo de 0.88; e os verbos menos salientes apresentaram somente 17,3% de ocorrências e com o peso relativo de 0.11 Assim, esses resultados vão ao encontro dos estudo de Vieira (2018) e Silva e Vitório (2020) em que os verbos mais salientes se mostram favorecedores de marcas de concordância verbal.

4.5 Fator linguístico: posição do sujeito em relação ao verbo

A última variável controlada foi a posição do sujeito em relação ao verbo. A princípio, verificamos a presença de quatro condicionantes, sendo eles: (i) sujeito anteposto ao verbo sem elementos; (ii) sujeito anteposto ao verbo com um elemento; (iii) sujeito anteposto ao verbo com dois elementos e (iv) sujeito anteposto ao verbo com três elementos. No entanto, ao realizarmos a primeira rodada, o programa computacional Goldvarb X apresentou dois *knockout*, sendo o primeiro no condicionante (iii) sujeito anteposto ao verbo com dois elementos, que tinha somente três realizações, e o segundo no condicionante (iv) sujeito anteposto ao verbo com três

[3] Segundo Vieira (2018) a saliência fônica se refere à diferença no material fônico entre as formas singular e plural. Quanto maior a diferença menos saliente é a forma, quanto menor a diferença mais saliente é a forma.

elementos, que tinha apenas uma realização. Assim, decidimos amalgamá-las com o condicionante (ii) sujeito anteposto ao verbo com um elemento, e com isso, realizamos uma nova rodada. O resultado desse fator se encontra na Tabela 5:

Tabela 5: Marcas de concordância conforme a posição do sujeito

Fator	Frequência	%	Peso relativo
Sujeito anteposto ao verbo sem elementos	46/85	54,1%	0.31
Sujeito anteposto ao verbo com um elemento ou mais	17/26	65,8%	0.68

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como se pode observar, os dados da Tabela 5 mostram que as marcações de concordância verbal ocorreram mais em sentenças em que o sujeito está anteposto ao verbo com um elemento ou mais, apresentando o percentual de 65,8% de realizações e com o peso relativo de 0.68. Em sentenças em que o sujeito está anteposto ao verbo sem elementos, o percentual foi 54,1% e com o peso relativo de 0.31. Partindo do pressuposto de que os sujeitos antepostos à esquerda favorecem a concordância verbal, os resultados de nossa pesquisa vão ao encontro dos dados obtidos na pesquisa de Araújo e Carmo (2019).

5 Considerações finais

Esta pesquisa investigou a concordância verbal com a primeira pessoa do plural no falar macapaense, buscando verificar se os fatores linguísticos (saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo) e extralinguísticos (escolaridade, faixa etária e sexo) são condicionantes na variação de concordância verbal. Assim, em relação ao aspecto extralinguístico, houve maior ocorrência de aplicação da regra padrão de concordância verbal na fala de pessoas que possuem o Ensino Médio (70,6%), da faixa etária B (68,1%) e do sexo feminino (71,8%). Já em relação ao aspecto linguístico, houve um maior número de ocorrência de marcas de concordância verbal em verbo mais salientes (91,5%) e em sentenças em que o sujeito está anteposto ao verbo com um elemento ou mais (65,4%).

Desse modo, ressaltamos que dados obtidos nesta pesquisa apresentam, resultados similares à de outros estudos realizados no PB (Zilles; Maya; Silva, 2000; Araújo; Carmo, 2019; Silva; Vitório, 2020; Martins; Sá, 2021; Sanches; Ribeiro, 2023), mostrando que o português falado na cidade de Macapá-AP é semelhante às variedades de português de outros estados brasileiros. Destacamos também que o fator saliência fônica foi relevante, uma vez que os estudos sobre PB mostram que as formas mais salientes tendem apresentar altos índices de concordância verbal, nossa pesquisa também apresentou um índice bastante significativo de aplicação da regra de concordância verbal.

Por fim, acreditamos que este estudo poderá contribuir com o acervo de pesquisas sociolinguísticas realizadas no estado do Amapá, a fim de entender como se configura o comportamento linguístico dos macapaenses, além de auxiliar na coleta de dados e análise comparativa com outras pesquisas com o mesmo foco de investigação.

Referências

ARAÚJO, S; CARMO, S. A Concordância Verbal com a Primeira Pessoa do Plural no Continuum Sociolinguístico da Bahia. **Revista de Estudos de Cultura**, v. 5, n. 13, p. 85-100, fev. 2020.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRASIL. **Dossiê de Registro**: Marabaixo. Brasília – DF. IPHAN, 2018. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf. Acesso em: 10 de Jan. 2024.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

GUY, G; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: Instrumental de análise. 1. ed. Wer - Revista Sociodialeto: Parábola, 2007. 240 p. v. 23. ISBN 978-85-88456-45-1.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada**: Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente. Amapá: IBGE, 2021. Disponível em: https://cidades.ibge.gob.br/brasil.ap.macapa/panorama. Acesso em: 01 de mai. 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUNA, V. **Escravos em Macapá**: africanos redesenhando a vila de São José (1840-1856). João Pessoa - PB: Sal da Terra, 2011.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. ISBN 978-85-232-0875-2.

MARTINS, F; SÁ, A. A variação na concordância verbal de p4 na fala dos moradores da praça 14 de janeiro da cidade de Manaus (AM). **Sociodialeto**, Web - Revista Sociodialeto, v. 12, n. 34, p. 1-22, 30 jun. 2021.

NUNES FILHO, E. Formação histórica, econômica, social, política e cultural do Amapá: descrição e análise do processo de formação histórica do Amapá. OLIVEIRA, A.;

RODRIGUES, R. (Orgs.). *In*: **Amazônia, Amapá**: escritos de História. l. Belém: Paka-Tatu, 2009.

SALGADO, G. **Fiscais e meirinhos**: a administração no Brasil colonial. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SANCHES, R. *et al.* (Orgs.). **Falares da Amazônia Amapaense**. Ananindeua - PA: Cabana, 2023.

SANCHES, R; RIBEIRO, C. Não concordância verbal de 3° pessoa do plural no português indígena falado pelo povo Karipuna do Amapá. **Revista Diálogos**, v. 11, n. 2, p. 28-45, maio., 2023.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SILVA, J; VITÓRIO, E. A Concordância Verbal com o Pronome nós no Sertão Alagoano. **Revista Porto das Letras**, v. 6, n. 1, p. 50-73, 2020.

VIEIRA, S; BRANDÃO, S. **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

VIEIRA, S. Concordância Verbal. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 85-119.

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L. Z.; DA SILVA, K. Q. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Organon**, Porto Alegre, v.14, n. 28 e 29, Porto Alegre, p. 195-219, 2000.